

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Aducciada, 9 — Lisboa

N.º 10

— Outubro de 1920

Ano LXXII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*  
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS  
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

## LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

(Continuação)

VI

### A infantaria

O fusil é a melhor maquina de guerra inventada pelo homem, dizia o primeiro capitão dos tempos modernos nas suas Memórias ditadas no exilio de Santa Helena, quando se referia à infantaria, que ele proclamava a *arma das batalhas*, por ser o *agente principal* do combate e o *ponto de apoio* de todos os outros agentes postos em acção.

Desde que nos exércitos existe uma coordenação táctica é o modo de acção de infantaria no combate que imprime a este o caracter próprio da época, caracter a que as outras armas ficaram sempre subordinadas.

Foi nessa ordem de ideas que um distintissimo official do estado maior alemão, o coronel Von Scherff, escritor abalizado, inscreveu numa das suas obras classicas mais notaveis <sup>1</sup> os seguintes principios.

1.º — Que a infantaria foi, é e deve continuar a ser a arma principal, a única capaz de exercer sobre a táctica uma acção de direcção, e, por consequência:

2.º — Que em toda a época, a táctica de infantaria exerce sempre uma influencia decisiva sobre a das outras armas, dependendo a tactica de conjunto, ou tactica combinada, da maneira como é empregada a infantaria no combate.

<sup>1</sup> Étude sur la nouvelle tactique de l'infanterie.

É facto incontestado que desde o declinar do periodo mediévico, em que a cavalaria deixou de ter o predomínio do campo de batalha, a infantaria se tornou a arma preponderante, a arma decisiva, a arma principal dos exercitos, a proclamada *rainha das batalhas*.

Considerada a arma proeminente da guerra, a infantaria pôde combater só em todos os terrenos e, comquanto a cooperação das outras armas facilite ou torne possível a *decisão*, aquelas armas teem de se amoldar ao impulso regulador da primeira.

Eram estas as ideas em curso no momento de estalar a *grande guerra*, sendo sobremaneira sugestivo o seguinte periodo inscrito na obra a que acima aludimos:

«C'est à l'infanterie que les autres armes doivent demander; c'est d'après sa conduite qu'elles doivent se demander comment elles peuvent la soutenir ou lui nuire, comment, par consequent, elles doivent régler leur propre conduite.»

É sobre a infantaria que se baseia a acção decisiva; é mistér que ela tenha vencido ou seja vencida no combate, antes que o general em chefe possa dizer-se vencedor ou vencido.

O general Foch, no seu notavel livro «Des principes de la guerre», tambem se expressa sobre o papel de infantaria da seguinte fórma:

«A artilharia abala a resistencia do adversário; compete à infantaria o vencê-la.

Para decidir o inimigo a bater em retirada é preciso vibrar-lhe o último golpe marchando sobre ele; para conquistar a posição e ocupar o lugar do inimigo é indispensavel lá chegar. O fogo o mais potente não garante o resultado. E' especialmente nesse momento que principia a acção das massas de infantaria. Elas marcham direito ao fim, visando todas o seu objectivo, acelerando o seu andamento à medida que dele se aproximam, precedidas dum violento fogo, recorrenda à baioneta para abordar as primeiras posições, arremessar-se sobre as fileiras do adversário e resolver o pleito á arma branca com coragem e decisão.

A artilharia contribue poderosamente para o exito, acompanhando, sustentando e protegendo o ataque.»

\*  
\*   \*  
\*

A feição assumida pelas operações militares na frente ocidental, depois da batalha do Marne, substituindo durante 42 meses a guerra de movimento, ou de manobras, em que a infantaria tem o seu principal papel, pela guerra de trincheiras, em que a acção destruidora da artilharia e a cooperação activa das metralhadoras se assinalaram como muito eficazes, levou alguns espiritos, porventura menos reflectidos, a conclusões precipitadas sobre o valor tactico das diversas armas em combate, exprimindo o conceito, segundo o qual a infantaria seria relegada para o terceiro plano, conquistando a artilharia o primeiro e ficando as metralhadoras no segundo.

A reconquista do fôrte de Vaux, no campo intrincheirado de Verdun, pelos franceses, depois de se haverem apoderado doutras fortificações próximas, mercê do emprego dos obuses de 400<sup>mm</sup>, os quais realizaram uma obra de destruição tal, que as tornou inocupaveis pelos alemães, deu logar a que algumas patrulhas da infantaria francesa penetrassem sem resistência nos fossos e se apoderassem do forte que o inimigo havia abandonado.

Este e outros factos idênticos, peculiares da guerra de trincheiras, bastaram para induzir alguns espiritos, por ventura menos reflectidos, a modificar o proloquio geralmente consagrado em questões de tactica de combate—*A artilharia prepara e a infantaria decide* por este outro: *A artilharia conquista o terreno e a infantaria ocupa-o.*

A este devaneio de alguns espiritos facilmente impressionáveis por episódios de combate, que constituindo factos meramente destacados não podem determinar uma regra geral na guerra, replica judiciosamente o general francês Foville «que o vocábulo conquista implica o acto concreto de posse realizada, de ocupação incontestada do terreno ou, mais propriamente, a instalação na posição inimiga.

Ora, esta *posse* do terreno disputado, esta instalação na posição adversa, continua a ser a ardua, a pesada tarefa cometida à infantaria no combate, quer a intervenção da baioneta seja ou não reclamada.

«Só depois desta arma ter ocupado o terreno é que os canhões para lá avançam.

«Seria, pois, de melhor aviso o dizer-se: o canhão desembaraça o terreno e a infantaria ocupa-o.

«Mas, interroga o general Fonville, será, porventura, a conquista ou ocupação do terreno o objectivo duma batalha?

«Não, é só o meio.

O verdadeiro objectivo é romper a força moral do inimigo.

«Para o conseguir é mister a cooperação eficaz de todas as armas; e a parte que compete à infantaria aumenta de importancia à medida que se desenrola o combate, sendo o exito ou o insuccesso da infantaria que determinam a vitoria ou a derrota.

«Hoje, como ha cem anos, tem plena applicação a frase sentenciosa do general Morand, o celebre divisionário de Davout, que se cobriu de gloria em Auerstaedt:

«A infantaria é o exército; quando avança vislumbra-se a vitoria, quando retira a derrota está próxima.»

«Nem o emprego generalizado da fortificação no campo batalha, nem o impulso dado ao fabrico de poderosas maquinas de guerra podem contradizer esta afirmação, pois que não obstante todos os progressos na sciência e na industria, é a infantaria que, em ultima analyse, decide da sorte das batalhas.»

Por seu turno, o general inglêz French expressa-se sobre o assunto nos seguintes termos:

«Não creio que a guerra de trincheiras haja modificado as qualidades exigidas aos soldados.

A natureza humana não varia, e o soldado é um homem que ataca e é agredido, seja qual fôr a arma que se utilize.

Parece-me que há tendencia em exagerar a importância da artilharia.

Indubitavelmente, das três armas, é a que mais tem progredido e, todavia, para deitar a terra um homem precisa, às vezes, disparar doze projecteis, bastando apenas uma bala de espingarda para obter o mesmo efeito.

As armas que decidem das batalhas são as espingardas e as metralhadoras.»

Eis a apreciação sobre o assunto debatido de dois generaes esclarecidos que tomaram parte na última guerra e, portanto, mais de perto puderam avaliar a importância relativa das diversas armas no combate.

São as espingardas e as metralhadoras que decidem o combate diz o experimentado general inglês French.

Mas a metralhadora recruta, normalmente, as suas guarnições na infantaria, emprega, em geral, o projectil desta arma e tem sido considerada como o complemento, como parte integrante da infantaria moderna. A 5.<sup>a</sup> companhia dos batalhões alemães no 2.<sup>o</sup> periodo da guerra era constituída por metralhadoras.

Na frase conceituosa dum official francês, as metralhadoras representam no combate a infantaria *condensada*, suprimindo a deficiência de efectivos desta arma e permitindo, especialmente na defensiva, reduzir o número de unidades empregadas na linha de combate, por isso que uma metralhadora bem dirigida pode produzir uma massa de fogos equivalentes aos duma companhia e, por vezes, aos dum batalhão, se entrarmos em linha de conta com a eficacia do fogo de metralhadora.

Em diversas publicações da especialidade se tem accentuado que a infantaria faz hoje emprego duma tal variedade de armas, de munições e de outros instrumentos de combate, que mistér se tornou a criação de especialidades dentro desta arma para se tirar dessa diversidade de elementos de luta todo o partido ou rendimento de que forem susceptíveis.

Esses instrumentos de combate adstritos á infantaria são:

- a) — Espingarda com sabre-baioneta;
- b) — Granadas de mão;
- c) — Granadas de espingarda;
- d) — Espingarda automática;
- e) — Espingarda metralhadora;
- f) — Metralhadora ligeira;
- g) — Metralhadora pesada;
- h) — Morteiros ligeiros, que são uma artilharia de acompanhamento da infantaria, muito util para quebrar a resistencia dos pontos fortes que o inimigo possa apresentar.

## **A infantaria e a artilharia perante a historia**

É facto constatado em diversas épocas que o aumento progressivo da artilharia nos exercitos corresponde sempre á deficiencia numerica ou á falta de preparação tecnica da infantaria, verificando-se tambem a proposição inversa, isto é que um exercito tendo por base uma solida infantaria póde obter vitórias brilhantes ainda quando apoiado só por insufficiente artilharia.

É esta uma verdade de observação que deriva da apreciação critica das campanhas passadas.

Foi Gustavo Adolfo um dos primeiros grandes generais que nos tempos modernos deu vigoroso impulso á arma de infantaria, adoptando um conjunto de disposições organicas e tacticas tendentes a dotar as tropas desta arma com um tão elevado gráo de consistencia, de disciplina e de instrução que, na guerra dos trinta anos, facil lhe foi obter os mais assinalados triunfos sobre as tropas alemãs de Wallenstein e de Tilly, muito superiores em infantaria e em artilharia ás do exército sueco.

Montecúculi, nas memoráveis campanhas contra os turcos, attribuia as suas retumbantes vitórias ao valor e á disciplina das tropas de infantaria, que ele considerava a base e o *principal* elemento dos exércitos.

A celebre infantaria francesa do século XVII, organizada sob os auspicios de Turenne e de Condé, coberta de louros em Rocroi, em Friburgo e em Nervingde, no decurso de meio século de batalhas gloriosas, só começou a decahir em Ramillies (1706) e em Malphaquet (1709), quando exausta pela continuidade da luta foi perdendo as suas qualidades de tradicional firmeza e impetuosidade no combate, pela falta de preparação e de solidez das novas *lèvas* de soldados para preencher as sensiveis faltas nas fileiras de veteranos endurecidos na guerra.

Não obstante, o aumento considerável da artilharia com que se reforçou os seus exércitos, os franceses não puderam levar a melhor, não conseguiram suplantar a sólida e aguerrida infantaria de Marlbourougk e do principe Eugenio de Saboia.

Frederico II, considerando o fogo como o principal meio de combate da infantaria, reduziu a profundidade das formações desta arma lançando os fundamentos da famosa *táctica linear*, que tão fecundos resultados proporcionou ás armas prussianas em Dresde, em Lawositz, em Praga, em Leuthen e em outras muitas batalhas feridas na grande guerra dos *sete anos*.

Sob o ponto de vista da importancia das três armas podem considerar-se dois periodos bem distintos nesta memoravel guerra.

No primeiro, a infantaria prussiana solidamente constituída, bem disciplinada e instruída nos principios da *táctica linear*, precursora da *táctica moderna*, não carece de auxilio de artilharia numerosa para obter vitórias brilhantes e decisivas, suprimindo até as deficiencias da cavalaria, que era de inferior qualidade, e abandonava o campo de batalha aos primeiros embates, como sucedera em Molwitz.

No segundo periodo, uma infantaria mediocre, de recrutas imberbes, auxiliada por uma artilharia numerosa e por uma cavalaria de primeira ordem, perde algumas batalhas, e as que ganha são, em geral, pouco decisivas, sem resultados palpaveis e á custa de grandes esforços e de perdas consideráveis.

Nas notaveis campanhas do primeiro imperio francês, não ha feito brilhante, vitoria assinalada em que não se afirmasse a preponderancia da infantaria no campo de batalha.

Elching, Ulm, a classica batalha de Austerlitz e as sanguinolentas batalhas de Iena, de Auerstaedt e de Elyau são verdadeiros padrões de gloria para a infantaria francesa, considerada então a melhor do mundo, principiando só a decair com as campanhas da península iberica, que foram as mais desastrosas, pelas suas consequencias, para a causa de Napoleão I.

Estas guérras sem treguas, prolongando-se desde 1808 a 1814, acabaram por esgotar a *élite* da infantaria francesa, exausta por vinte anos de campanhas sucessivas, que transformaram a Europa num imenso campo de batalha.

Reproduziram-se nos ultimos anos da epopeia napoleonica os mesmos fenomenos já observados no tempo de Luís XIV e no de Frederico II.

A necessidade de ordenar *lévas* antecipadas de recrutas imberbes para suprirem as sensíveis baixas ocorridas nos exercitos de Napoleão I, fizeram decaír extraordinariamente a qualidade da infantaria francesa, em cuja firmesa e solidez já não se podia confiar como no periodo aureo, assinalado pelos memoraveis feitos de Austerlitz, de Iena de Eylau.

A consequencia natural foi o aumento consideravel da artilharia de campanha para, de certa forma, compensar, a inferioridade da infantaria.

Este aumento da artilharia foi progressivo, de forma que em 1815 as bocas de fogo dos exercitos franceses chegaram quási á porporção de 5 por cada 1000 homens, o que acusava uma grande diferença, se a confrontarmos com a proporção mantida na brilhante campanha de 1796, na Italia, em que a cada 1000 homens de infantaria correspondía unicamente 1 peça de artilharia.

Eis a resultante da diferença na qualidade da infantaria.

Como nas épocas anteriores, assinaladas por campanhas longas, duradouras, as mesmas causas produziram resultados identicos.

Nos primeiros anos do imperio em que, mercê dos demorados preparativos de Napoleão para invadir a Inglaterra, a infantaria havia sido solidamente organizada e cuidadosamente instruida no campo de Bolonha, as vitorias foram brilhantes, decisivas, como o atestam os feitos de Ulm, Austerlitz, Iena, Auerstaedt e Eylau.

Depois de 1808, em que a infantaria principiava a decaír pelas suas grandes perdas em campanhas sucessivas, e pela deficiencia de preparação dos novos contingentes, as vitórias eram pouco decisivas, não obstante a grande proporção de artilharia que entrava então na constituição do exército.

Esling, Wagram, Smoslenk, Bautzeu, Dresde confirmam exuberantemente esta asserção.

Em Leipzig os exercitos franceses foram batidos e a retirada que se lhe seguiu foi quási uma reedição da passagem do Berezina.

Da apreciação critica das campanhas passadas deriva a seguinte verdade de observação:

Exercitos tendo por base uma infantaria de *élite*, embora



apoiada por pouca artilharia, alcançaram sempre vitórias brilhantes, com perdas, em geral, pouco sensíveis;

Em contraposição, exercitos constituídos por uma infantaria mediocre precisaram sempre de artilharia numerosa para obter sucesos dubios, pouco decisivos, acompanhados em geral, de perdas consideráveis.

Eis uma verdade historica que não pode sofrer contestação.

E tanto esta verdade se impôs aos espirito esclarecidos, que na grande guerra de 1914-1918 a constituição das unidades dos exercitos rápidamente improvisados, como foram o dos Estados Unidos e o da Grã-Bretanha, compreendia uma larga representação da artilharia para apoiar as formações pouco consistentes, ou mal preparadas, da infantaria.

Como anteriormente exposemos, o material distribuido a cada exercito americano, em operações na França, atingindo quási a totalidade de 2300 peças, dava, em média, quando o combate estivesse generalizado, 152 bocas de fogo por divisão, a que corresponde a percentagem de 12,6 por 1000 espingardas de infantaria.

A proporção da artilharia do exercito inglês, em França, regulava pela do americano.

Inicialmente, cada divisão de infantaria fôra dotada com 76 peças de campanha e com 24 cada divisão de cavalaria; mas no decorrer da campanha, a artilharia foi notavelmente reforçada com canhões e obuses de grosso calibre.

Os proprios alemães dotavam sempre com uma forte proporção de artilharia às suas formações pouco consistentes da *landsturm*, sempre que eram chamadas ao campo de batalha.

Eis, em sucinta analise, as razões determinantes do notável acrescimo da artilharia nos exercitos hodiernos, que são verdadeiras *nações em armas*.

(*Continúa*).

ADRIANO BEÇA  
General



## General José Fernandes da Costa Junior

---

Mais uma vez veiu a morte enlutar a Emprêsa da *Revista Militar*, colhendo uma das suas vítimas entre o pequeno numero de officiais socios da Emprêsa.


Em 30 de Julho ultimo faleceu o ilustrado general José Fernandes da Costa Junior, nome que deixa um rasto de luz e de gloria nas letras portuguezas, que tanto illustrou quere como jornalista distinto, quere como notavel escritor, quere como academico de extraordinaria erudição, quere acima de tudo talvez como poeta laureado e verdadeiramente inspirado.

Prestimoso e dedicado official de artilharia, consagrou o extinto general a maior parte da sua carreira militar ás comissões de character tecnico da sua arma, versando a sciencia senão com o mesmo notavel brilho e renome com que cultivava as letras, pelo menos com igual dedicação e competencia.

Socio da Emprêsa da *Revista Militar* desde 1906, pena foi que, absorvido pela sua enorme actividade literaria, não pudesse honrar as colunas do nosso jornal com uma colaboração assidua.

Pranteando a perda do illustre militar e insigne literato, a Direcção sente que circumstancias estranhas á sua vontade lhe não permitam prestar ainda neste numero o merecido preito de homenagem devido á memoria de tão distinto consocio, o que diligenciará realizar tão brevemente quanto possivel.

A DIRECÇÃO



## Serviço de saúde em campanha

Um Congresso da "Associação de cirurgiões militares dos Estados-Unidos" acaba de ter lugar e a ele assistiram delegados dos médicos militares de um grande numero de países, ignorando nós se Portugal se fez representar neste Congresso.

As sessões começaram no dia 13 de outubro de 1919, sob a presidencia do coronel medico Henry P. Birmingham, que pronunciou o discurso de abertura, afirmando que os serviços sanitarios desempenhados na recente guerra, pelos cirurgiões americanos constituirão uma das paginas mais brilhantes da história da guerra, quando esta se escrever. O numero de medicos americanos que foram mobilizados no exército de terra ascendia a 34.978 e a 3.000 na marinha, quando teve lugar o armistício a 11 de novembro de 1918.

Diferentes "Memorias" foram apresentadas ao Congresso, como a do Dr. Willians F. Snow sobre a profilaxia das doenças venereas, que tomaram um certo caracter de gravidade no exército americano, pois as estatisticas acusam 80 p. c. de atacados com algumas das doenças venereas. Foram distribuidos ao exército folhetos com as prescrições preventivas a observar, o que contribuiu eficazmente para atenuar a propagação e a gravidade das doenças venereas.

A's praças que baixavam aos hospitaes era-lhes cortado o vencimento enquanto ali permanecessem, como castigo; mas reconheceu-se que uma tal medida pouco efeito salutar produzia.

O coronel Vaughan, que foi chefe do serviço de saúde durante a guerra hispano-americana, enumerou as medidas então tomadas nos acampamentos, sendo uma das mais proveitosas a proibição de visita de mulheres aos acampamentos desde as 18 horas até ás 7 horas do dia imediato.

O coronel medico Russel foi tambem de opinião que a

campanha anti-venerea deve ser mais educativa que coercitiva; que a prostituição deve ser regulamentada, e que aos soldados se devem facilitar distrações e trabalhos para que os homens tenham sempre a imaginação ocupada. Reconhece a grande utilidade do tratamento profilático e recomenda que as autoridades civis cooperem com as militares nas medidas a tomar para se evitar os perigos de tal doença.

Na 2.<sup>a</sup> sessão, que teve lugar na tarde do mesmo dia 13, falou o tenente-coronel medico Vilray Blair sobre o plano para o tratamento immediato dos ferimentos da face durante a batalha, mostrando a necessidade da intervenção de medicos dentistas e de que cada hospital tenha os aparelhos e instrumentos necessarios para estes tratamentos especiais, devendo-se procurar efectuar as operações cirurgicas num praso maximo de 24 horas, pois do contrario produziam-se infecções e as lesões cicatrizavam-se mui lentamente. Emquanto ás deformidades produzidas por estas lesões, disse que os americanos preferem suportar as operações autoplásticas, do que as mascaradas adoptadas pelos franceses.

—O coronel medico James Church leu um trabalho do coronel Charles Craig sobre o Museu medico do exército, instalado em Washington, que é um dos mais notaveis do mundo pela grande quantidade de exemplares de material cirurgico, de projecteis, armas, couraças defensivas, mascaradas contra gases, peças anatomico-patologicas, muletas, bolsas de curativo, e todo o material usado durante a guerra pelos alemães e exércitos aliados.

Na 3.<sup>a</sup> sessão realizaram-se interessantes projecções cinematograficas, mostrando em todas as minucias o funcionamento dos serviços sanitarios em França: transporte de feridos e doentes; estabelecimento de postos de socorros; de estações de curativo; de hospitais de campanha e da sua *calefacção*; tratamento dos efeitos dos gases asfixiantes, etc.

—O coronel medico Vitor Vaughan dissertou sobre a maior resistencia que apresentam os soldados veteranos em comparação com os recrutas, e chamou a atenção para o facto dos soldados dos campos, cujo vigor muscular é, em geral, superior aos que proveem das grandes povoações, apresentarem uma menor capacidade de resistencia organica, sendo atacados e morrendo com mais facilidade das epide-

mias da gripe; e explicou este facto, demonstrando que o sangue dos que vivem numa atmosfera pura não contem os anti-corpos que se geram em quem aspira um ar contaminado pela grande variedade de bacterias, as quais se produzem nas grandes cidades e que proporcionam aos seus moradores uma certa imunidade relativa.

Foi o que se notou em todos os acampamentos que foram invadidos pela «influenza».

Na 4.<sup>a</sup> sessão o coronel medico Wadhams estudando o funcionamento do serviço sanitario na frente de batalha, mostrou a necessidade de dar maior iniciativa aos medicos nos postos de curativo para o tratamento dos feridos e sua evacuação, pois havia uma ordem no exército americano que não permitia á evacuação dos feridos sem autorização do chefe militar respectivo, o que deu em resultado haver sectores em que a acumulação de feridos era enorme, emquanto á retaguarda havia hospitais quasi vazio.

—O coronel medico Bleech apresentou um certo numero de factos comprovativos da maior desordem que havia nos serviços sanitários dos aliados, ao chegarem a França os primeiros contingentes americanos, por falta de pessoal idoneo, e ainda porque as autoridades militares desconheciam por completo os problemas sanitários, dando lugar a sua intromissão no funcionamento do serviço de saude aos maiores desacertos.

Com o dos aliados contrastava o serviço sanitario do exército alemão, onde havia metodo e medidas previsoras.

—O capitão médico Hugh Cullough leu um trabalho feito em colaboração com o tenente-coronel medico Walter Fischel, sobre o tratamento realizado no caso de 600 feridas penetrantes do torax, declarando que nos hospitais e estações avançadas o melhor tratamento consistiu no repouso e na manutenção dos feridos numa atmosfera temperada e em locais bem abrigados. Os *derrames pleuraes* evacuavam-se porêm imediatamente nos hospitaes de campanha, se o exame microscopico denunciava a presença de algum germen patogénico, sendo então os feridos conservados sentados durante o dia para facilitar a drenagem e a alimentação. Pouco uso se fez da solução Dakin por ser difficil fazer o tratamento nos hospitaes avançados, e, quando tal tratamento foi empregado, fracos resultados deu.

E' certo que os medicos francezes empregaram o tratamento Carrel-Dakin, mas nos hospitaes-bases, onde havia muitos recursos e materiaes postos á disposição dos medicos, o que não sucede nos hospitaes avançados.

—Na 5.<sup>a</sup> sessão o Dr. William Bainbridge dissertou sôbre o tratamento fiosioterápico na vida civil e militar, baseando as suas considerações sôbre o que observou na França, Belgica, Inglaterra e Alemanha, e chegando, entre outras, às seguintes conclusões:

1.<sup>a</sup>—Que a fisioterapia é um auxiliar importante no tratamento dos feridos;

2.<sup>a</sup>—Que este tratamento deve ser confiado a um pessoal especialmente preparado;

3.<sup>a</sup>—Que a população masculina não está fisicamente preparada para a guerra;

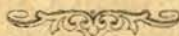
4.<sup>a</sup>—Que a população civil pode melhorar os seus defeitos fisicos com um tratamento adequado, isto é tanto mais necessário quanto as estatisticas mostram que anualmente nas industrias se inutilizam 500.000 homens;

5.<sup>a</sup>—Que os hospitaes militares devem estar preparados com o material necessário para o tratamento fisico dos accidentes que ocorram;

6.<sup>a</sup>—Que os hospitaes civis devem estar preparados desde o tempo de paz para cooperar com os estabelecimentos militares no tratamento dos feridos de guerra, como sucede na Alemanha.

—Não se chegaram a discutir todos os trabalhos elaborados para o Congresso por falta de tempo, devendo ser tratados quando novamente se reuna, o que terá lugar este ano em New-Orleans.

V. GESAR.



# A CAMPANHA DOS DARDANELOS

## SEGUNDA PARTE

### **Ataque naval directo**

*(Conclusão)*

O insucesso do dia 18 de Março marca o termo da tentativa de forçamento dos Dardanelos por um ataque puramente naval. Nesta operação ha a salientar particularmente:

1.º A grande dificuldade em atacar um campo minado, para efectuar a rocega, quando as linhas de minas estão bem protegidas por baterias ligeiras, colocadas em posições proximas da zona a bater, convenientemente occultas, e dispondo de um serviço de iluminação eficiente.

2.º De dia, esta operação só pode ser tentada sob a protecção de um fogo poderoso dos navios; mas, quando, como neste caso, os navios têm de ficar sob o fogo dos fortes principais da defesa, ainda intactos, a operação não tem probabilidades de êxito emquanto êstes fortes não forem calados.

3.º As circumstancias hidrográficas locais — corrente na direcção da saída do estreito — anulavam todos os esforços para efectuar a rocega, pois que os navios continuavam expostos ao perigo das minas à deriva.

4.º A grande extensão da passagem e a sua forma tortuosa facilitavam o restabelecimento de campos de minas rocegados, e o estabelecimento de outros a coberto da noute.

5.º As circumstancias locais não eram de molde a tentar um forçamento em face das baterias intactas, e muito menos sem uma razoavel garantia de que não existiriam campos de minas fundeadas.

O comandante em chefe não estava ainda disposto a abandonar a partida, e na carta que acompanha o seu relatório, escreve:

«Conquanto a armada tivesse de retirar-se, sem realizar o seu objectivo, ela não era de modo algum uma força derrotada, e a retirada só foi imposta pela ameaça das minas; todos estavam ansiosos por repetir o ataque.» Mas a verdade é que, depois do esforço do dia 18, que custou pesadas perdas materiais, a situação podia dizer-se que pouco tinha mudado, e, repetir dias depois a mesma operação, seria ir de encontro aos mesmos ou a maiores perigos.

- De facto, consideremos a situação como no-la apresenta o proprio almirante De Robeck: «Conquanto os fortes principais se tenham conservado silenciosos por longos intervalos sómente uma parte do seu armamento se pode considerar destruida; quando o bombardeamento dos navios se tornava violento, a tática empregada pelo inimigo consistia em abandonar as bocas de fogo, e retirar para posições abrigadas, protegido contra os projecteis; quando lhe parecia que se apresentava uma ocasião favoravel, guarnecia de novo as peças e recomeçava o fogo.»

«Mas, considerando a precisão do fogo dos navios e o numero das explosões que se verificaram nos fortes, tanto o material, como o pessoal, devem ter sofrido fortes perdas. Durante a maior parte do dia pareceu que a armada tinha tido no tiro uma superioridade marcada, tanto assim que, às 2 horas foram chamados a operar os draga-minas. Todavia, pouco depois destes entrarem nos estreitos, tornou-se evidente, pelo fogo vivo dos obuses e das peças de campanha, que eles não poderiam ter chegado ao campo minado da Ponta Kephez; e não puderam fazer nada, a não ser dragar na área onde se tinha afundado o «Bouvet».

«Tudo tinha seguido satisfatoriamente até o momento em que o «Bouvet» chocou com a mina, tendo os navios recebido pouco dano do fogo inimigo, se bem que os molestassem grandemente as baterias ocultas em ambas as costas dos estreitos.»

Nestas condições, e sabendo-se que ao inimigo fôra dado tempo bastante para se prover de abundante material movel de artilharia, compreende-se que, recomeçar dias depois a operação, quando o inimigo teria, além disso, reparado os danos sofridos no armamento fixo e nas fortificações, e



quando a armada se encontrava desfalcada em 6 couraçados, não era empresa que oferecesse grandes probabilidades de êxito.

Os navios fizeram geralmente o fogo parados, contra o que se esperava, porque se reconheceu que só assim seria bastante preciso. Esta circumstancia permitia empregar com maior eficacia contra os navios a artilharia de tiro curvo, a qual, por outro lado, podendo instalar-se a coberto e tornar-se facilmente móvel, é por assim dizer invulneravel ao fogo de bordo. Daqui a grande importancia que as baterias moveis estão tomando na defesa costeira.

A observação do tiro pelos hidro-aviões aliados foi mui pouco eficiente, mas não é de esperar que assim suceda no futuro. Por isso, a ocultação à observação aerea é uma condição importante da eficacia das baterias; sem tal observação, o tiro indirecto dos navios, a grande distancia, é completamente inutil.

É notável o contraste entre o êxito do ataque aos fortes exteriores e o fraco resultado e grandes perdas do ataque aos fortes da passagem de Chansk. A razão está em que na entrada, os navios podiam colocar-se fóra do alcance da artilharia dos fortes, e possuiam espaço amplo para manobrem e fazerem fogo com o armamento principal, livres do perigo das minas. Dentro do estreito, tratava-se de espaços restritos e minados, com fortificações sobre as duas costas, ocultas ao fogo a grande distancia, pela conformação topografica, e completadas por numerosas baterias moveis; os navios só podiam atacar de posições em que sofriam o fogo eficaz do armamento inimigo, e sómente com parte das suas forças.

No que se refere particularmente às possibilidades de exito do ataque puramente naval, vimos que, nas condições e no tempo em que foi feito, pouco havia a esperar. Circunstancias politicas e derivadas da condução estrategica da guerra levaram a tenta-lo. Lord Fisher era de parecer que se devia contar com uma perda de 12 couraçados antes que os Dardanelos pudessem ser forçados só pela marinha, e a operação de 18 de Março fortalecia-o na sua opinião. <sup>(1)</sup> Quando em 13, de Maio, Mr. Churchill preparava novas ordens para

<sup>(1)</sup> Lord Fisher, Memories, pag. 75.

o envio de reforços navais para os Dardanelos, Lord Fisher, que sempre desaconselhara «o emprego das forças navais em operações costeiras, desapoizadas de forças militares, e salientando a importancia suprema de manter uma superioridade indispensavel da Grande Armada no teatro decisivo», abandonou o Almirantado.

Depois do insucesso de 18 de Março, tambem o almirante Guépratte, que comandava a esquadra francesa, convencido de que, insistindo se teria conseguido vencer a resistencia dos fortes, e que os turcos em breve estariam privados de minas para lançar à deriva, pediu reforço de navios, mas não lhe foi concedido.

O general Sir Charles Caldwell, que era ao tempo director das operações militares no War Office, rebate as afirmações de alguns criticos que pretendiam que o ataque naval geral às defesas da passagem dos Dardanelos esteve muito proximo do êxito. Ele prova incontestavelmente <sup>(1)</sup> que, mesmo na hipotese, muito pouco provavel, de que o bombardeamento indirecto efectuasse realmente o seu objecto de pôr as baterias fora de acção, restaria ainda o armamento móvel dos turcos para inquietar e destruir os dragas-minas, assim como continuavam a existir as minas à deriva e, possivelmente, os torpêdos lançados da costa, para pôrem em perigo os navios couraçados.

Sir Charles Caldwell diz: «Toda a empresa foi um erro, mesmo sem contar com a influencia desastrosa que uma operação prematura e infeliz exerceu sôbre a campanha terrestre subsequente.»

Terminamos com as palavras do marechal alemão Liman von Sanders, encarregado da defesa dos Dardanelos:

«Não creio que pudesse nunca ter êxito o ataque aos estreitos, feito apenas pela marinha. Eu propunha-me semear os estreitos de minas a granel, e era minha opinião que estas constituíam as defesas principais dos Dardanelos, sendo a função da artilharia dos fortes simplesmente defender os campos minados contra a interferencia inimiga.»

ALFREDO BOTELHO DE SOUSA.

Capitão-tenente

---

(1) Nineteenth Century, Março 1919.

## Esgrima de Assalto

Le combat à la baïonnette et corps à corps s'adresse à tous les combattants—Tous doivent être capables d'utiliser ce moyen d'attaque et de défense, de manière à n'être jamais surpris par ce mode de combat.

*(Guide pratique d'entraînement physique à l'usage des Armées — Ministère de la Guerre, 1 Septembre 1917).*

Não obstante o papel importante que a baioneta desempenhou na Guerra—Russo-Japonesa e nas últimas guerras balcánicas, no começo da grande guerra nenhum dos beligerantes acreditava seriamente na utilidade da baioneta. A propria França, para quem a arma branca tem uma tão longa tradição, e onde, depois de 1870, sucessivas gerações militares foram educadas no culto da arma branca, vencida pela noção teórica, então corrente, de que o aperfeiçoamento das armas de fogo viria a afastar muito os combatentes e a tornar improvável o choque, descurou a instrução de baioneta e só, já em plena guerra, reconheceu completamente o seu erro.

Não podemos resistir ao desejo de transcrever o que sobre este assunto nos diz o heroe d'Argonne General Mallerre, comandante do 46 de infantaria no começo da guerra:

*Après l'épreuve sanglante des premières semaines de la guerre en 1914, je m'aperçus avec tristesse qu'au régiment dont je devenais le chef, l'escrime n'était plus en honneur chez les officiers, et que les commandants de compagnie dédaignaient, pour la plupart de faire jouer la baïonnette à leurs soldats. E terminando: Nous avons plié d'abord sous le feu de l'ennemi, sous les avalanches d'obus de tous calibre qu'il nous versait copieusement sur la tête. L'infanterie allemande attendait pour*

*nous aborder les effets de son artillerie. Quand nous fûmes, au contraire, l'aborder, fut à son tour de plier, mais devant nos baïonnettes. Je crois qu'à Dinant, qu'à Charleroi, qu'à Guise, pendant la retraite des nos armées, les Allemands victorieux sentirent cependant la pointe de nos baïonnettes dans les vigoureux retours offensifs que nous exécutâmes. Les lecteurs de cette brochure trouveront quelques lignes sur le combat qui fut livré par le 46.<sup>e</sup> à Fossé, le 30 août. Il fut presque entièrement livré à la baïonnette. Deux bataillons du 46.<sup>e</sup>, deux bataillons du 89.<sup>e</sup> furent lancés, vers 6 heures du soir, un peu avant la chute du jour, sur un régiment allemand qui prenait position. Ils dévalèrent comme une trombe, et la lutte se poursuivit de nuit jusque vers 9 heures. Je crois que la baïonnette française montra ce jour là qu'elle n'avait pas perdu sa pénétration.*

*Depuis lors, dans cette guerre inouïe de tranchées qui étonne le monde, c'est à coups de baïonnette autant que de grenades que nos soldats délogent peu à peu, trop lentement à notre gré, les envahisseurs des tranchées où ils terrent. Ils apprennent sans doute à en jouer par la pratique journalière. Mais on ne saurait trop connaître les secrets de «Rosalie» et c'est pourquoi on ne saurait trop encourager et aider ceux qui, veulent donner à nos poilus les moyens de luter au corps à corps avec une supériorité écrasante.*

Já em 1913 a *Société d'encouragement à l'escrime de combat* orientava a sua propaganda patriótica no sentido de chamar a atenção do Estado para a necessidade de voltar a ser cuidadosamente cultivada uma instrução cujo duplo aspecto material e moral, tão importante se mostrava na valorização do combatente.

Mas só em 1914, depois da baioneta a si própria se impôr como arma indispensável do assalto, se criou o *Comité du combat à la baïonnette* fundado por A. Gaucher, seu secretário geral, presidido por M. Hébrard de Villeneuve, presidente da sociedade de propaganda da esgrima francesa, e tendo por membros, além de vários deputados e senadores, jornalistas como os directores do *Figaro*, *La Liberté*, *La Patrie*, *Les Debats*, *La vie au Grand air*, *Journal*, *L'Intransigent*, etc., e técnicos como M. Gautier-Vignal, presidente da federação de esgrima da Côte d'Azur, o Dr. Valentin des Ormaux, presidente da federação de esgrima de oeste, e M.

Pontard, presidente da federação de esgrima de sudoeste. Do comité de honra fizeram parte o General Avon, M. Maurice Barrés, da Academia, General Malleterre, comandante dos invalidos Coronel Mordacq, M. Pichon, depois ministro, e os adidos militares de Inglaterra, do Japão, da Italia e da Servia.

Creio que não será necessario dizer mais para que fique acentuada a importancia do movimento que êste comité iniciava, e o grito aflitivo que em plena guerra êle representava.

Utilizaram-se na propaganda jornais e brochuras. O *Temps* de 10 de outubro de 1915 extrai um artigo da carta do General Malleterre de que já transcrevemos uns períodos. Na Argonne, dizia um coronel, os meus homens, lançados para a frente, partiam como loucos, e voltavam com as baionetas rubras até ao guarda-mão, contando cousas admiráveis. As narrativas dos que chegavam do *front* vinham facilitar a propaganda. Arma tradicional da bravura e da vontade de vencer, a baioneta retomava fulgurantemente o seu lugar. E reconhecia-se que a antiga esgrima estática não era suficiente. Diz René Lacroix director da *Revue des Armes* num artigo publicado no *Intransigent*:

«Eu sei que no regimento se faz esgrima de baioneta; mas essa esgrima é simplesmente uma ginástica de flexibilidade, boa como tal, mas completamente incapaz de formar um verdadeiro baioneta.» Era preciso, pois, criar um método novo, que soubesse resumir em si as imperiosas necessidades da luta à arma branca.

O comité teve logo o apoio do Ministério da Guerra e do Grande Quartel General. Esgrimistas militares, como o capitão Fargues encorajavam-no. O comité enviava material e monitores de baioneta para os campos de repouso.

Mas não nos limitemos a narrar o que se passou em França. Ouçamos também um alemão. É êle o crítico militar do *Berliner Tageblatt*, o major Morath, que, no número dêsse jornal de 4 de julho de 1915, diz:

«Conclusão a tirar dos nossos combates de oeste: E' preciso educar o soldado para o combate à arma branca. Todo o material técnico, todos os instrumentos de guerra complexos, não devem fazer-nos desprezar a educação dos musculos, a esgrima, a educação moral: *dela, em última análise,*

*depende tudo no momento critico.*» É significativo. No campo de batalha do Marne, após a grande carnificina, viam-se cadáveres franceses e alemães mostrando ainda o gesto que os matára no mesmo *coup-double*. É um tragico testemunho das realidades do combate e da insuficiente instrução de baioneta geral.

O que os inglêses pensavam sôbre êste mesmo assunto, desnecessario se torna dizê-lo aqui. Todos nós vimos o desenvolvimento que nos seus exércitos tomou este ramo de instrução, e o grande interêsse com que os seus generais a acompanhavam. Para êles eram tropas de elite todas as tropas que se mostravam aptas para o combate à baioneta. A experiencia dura da guerra já lhes dissera que não havia tempestade de fogo que desse a vitória.

O fogo destroi muito, abala muito, mas não vence a obstinação duma tropa preparada para a luta. No combate, só o homem vence decididamente o homem. Podemos dizer como Polybe: *«A artilharia prepara a vitória, mas só a infantaria a realiza.* E a infantaria, na hora decisiva, só vence pela arma branca.»

A baioneta aparece pois plenamente consagrada pelo passado e pelo presente. Podemos duvidar do seu futuro? A grande guerra trouxe-lhe aspectos novos que frutificarão. E não são aspectos de trincheira. São aspectos do movimento. É a cavalaria que nos diz que necessita dela. Não é um facto em absoluto novo. A Rússia já aprendera essa verdade na Guerra Russo-Japonesa. Mas ouçamos o coronel francês d'Épernoux, que comandou o 4.º regimento de caçadores a cavalo no começo da guerra: *«Eu vi, desde o começo da campanha combates a pé e defesas prolongadas, em largas frentes, com poucos cartuchos, e tendo como única arma do corpo-a-corpo a coronha das nossas carabinas. A valentia dos nossos homens compensou talvez essa inferioridade, mas eu chorava de desespero pensando nos numerosos, e ousados golpes de mão que seria loucura tentar naquelas condições. Foi sómente seis meses mais tarde, e a exemplo do que já tinha sido feito pelos ingleses, que se decidiram a dar-nos uma baioneta da qual já ninguém pensava em contestar a evidente necessidade.»* Devemos acrescentar que este coronel já antes da guerra fizera larga campanha no sentido de dotar a cavalaria francesa com uma

baioneta que completasse a sua carabina no combate a pé, o que já então considerava como uma exigência absoluta do combate moderno. Organizou até no seu regimento uma equipe de baioneta que foi detentora do campeonato de esgrima de baioneta na grande semana militar. A sua idea, porém, fez escandalo no meio militar, onde foi interpretada como uma tentação de transformar a cavalaria em infantaria. Contudo, uma vez admitido o combate a pé como um importantissimo meio de acção, não será logicamente estranhavel que nêlle recorra acidentalmente á baioneta uma arma de espirito ofensivo, e, que, pela maneira particular como opera, terá muitas vezes dificuldade em reabastecer-se de munições. De resto, em muitos golpes de mão, será preferivel terminar prontamente á baioneta a manter pelo fogo uma luta sem finalidade, que se não coaduna com o espirito duma boa cavalaria.

O princípio hoje é, mais do que nunca, o seguinte: a baioneta é o complemento da espingarda e da carabina, como o combate à arma branca é o complemento do combate pelo fogo. É preciso, pois, tê-la. E tendo-a, é preciso saber manobrá-la. Diz Berthoulat *«Il ne suffit pas de mettre «Rosalie» au bout du fusil et le fusil au bout du bras: «Rosalie» est une personne qui a des mérites cachés et précieux que tous ne savent pas faire briller au soleil de la bataille.»* A confirmar esta asserção há os *coup-doubles* da batalha do Marne, há a opinião de todos os que viram os grandes aspectos da última guerra.

Na guerra do futuro, mais do que nunca pesará na vitória a boa preparação militar. Façamos nós, também, a nossa preparação reunindo um material modesto, mas de valor seguro, que cuidadosamente conservaremos, e instruindo, com utilidade e método, o homem, o maior dos elementos da vitória, o único que nunca faltará, e cujo valor pesará sempre nos momentos difíceis.

Na instrução do homem, dois assuntos principais deverão merecer a atenção da nossa arma: A instrução de tiro e a instrução de baioneta. O tiro bem orientado, dar-lhe-há confiança na sua espingarda e fará dêle, quasi sempre, um bom atirador. A baioneta fazê-lo-há sentir as realidades da grande luta à arma branca, dar-lhe-há a agilidade e o equili-

brio físico, desenvolverá nêle as qualidades morais da decisão pronta e do sangue frio, sangue frio feito de confiança em si, confiança nos seus músculos, confiança na sua destreza e confiança na sua coragem. Tudo o mais será instrução de graduados.

\*

\* \* \*

Dissemos como a grande guerra provou que a luta à baioneta continuará sendo um complemento natural do combate. Dissemos também como a antiga esgrima, geralmente mantida mais como uma ginástica útil do que como um treino metódico para a luta à arma branca, mostrou a sua insuficiência como método de ensinar ao soldado o combate à baioneta.

Dizia um monitor de esgrima do exército francês: *«De retour du front où j'ai assisté à maints combats à la baionnette, je suis au dépôt, ou je remarque que les notions d'escrime que l'on donne aux soldats ne sont pas en rapport avec le véritable combat, et je suis à même d'en faire la remarque comme escrimeur, ancien prévôt.»*

Na verdade a antiga esgrima, cujo método se não compadecia da curta duração do período de instrução e da falta de cultura física dos recrutas, era forçada a comprazer-se num estudo abstracto de atitudes, nunca chegando a um aspecto prático suficiente. Só na última semana, algum instrutor mais animoso conseguia fazer, como demonstração, assaltos em que só raros homens, naturalmente muito desembaraçados, revelavam uma aptidão que não havia tempo para desenvolver. Querirá isto dizer que pensemos que pelo método de então se tornasse impossível educar verdadeiros esgrimistas? Ninguém o pensará. Apenas dizemos que o tempo a isso consagrado era absolutamente insuficiente; que se notava a falta dum longo treino preparatório de ginástica; que se não atendia, e êste ponto é importantíssimo, às condições particulares do duelo à baioneta no campo de batalha. O método era então o menos distinto possível do da espada e do sabre, como se houvessemos de combater num terreno escolhido e em que fosse possível preparar ataques demoradamente; como se fosse possível fazer de cada soldado um esgrimista na si-



gnificação integral do termo. A paz e o progresso dos armamentos fizeram esquecer o velho princípio de que «a bala é doída, só a baioneta é segura.» Descria-se do choque. Descria-se de que improvável que fôsse o choque, só a baioneta poderá fazer a educação ofensiva duma infantaria.

Quando começou a guerra, as lutas diárias, cêdo provaram o valor da baioneta e a má orientação do seu ensino. A baioneta impunha-se por si própria. Em França, um notavel esgrimista, a que já aludimos, André Gaucher, sob a inspiração dos factos que dia a dia ocorriam na frente, no seu manual *Les principes du combat á la baïonette*, codifica os princípios que deviam ser a base do novo método de preparação militar para a luta à arma branca, e, procurando harmonizar o antigo método com as verdades que definira, tenta uma esgrima de baioneta simplificada, que baseava todo o seu ensino em combinações elementares da estocada ordinária com a estocada lançada, parada à direita e esquerda e a «*poussée*».

A *poussée*, que a actual esgrima francesa ainda mantém, consistia em impelir vivamente o adversário depois das armas se terem apoiado pela zona média e inferior do fuste. Era empregada quando o adversário se apróximava demasiadamente. Preconizava Gaucher excessivamente o uso da estocada lançada, e a espingarda prendia-se do delgado ao pulso por um francalete, invento do capitão Thorel. Na estocada lançada, que a prática e a teoria provam dever ser dum emprego excepcional, via talvez o autor o reatar duma bela tradição, por ser o *lancé* a estocada predilecta dos velhos grana-deiros de Napoleão. Como propriamente metodo de treno preconizava-se a prática do assalto com máscara, luvas e espingarda de baioneta reentrante. Para procurar obedecer ao princípio da instantaneidade admitia-se que o combate à baioneta se devia fazer em três tempos:

1.º—Estocada lançada; 2.º—Parada e estocada lançada ou ordinária, consoante a distância; 3.º—*Poussée* e uma estocada.

Não pôde, porém, esta esgrima satisfazer as exigências da luta e, em França e Inglaterra passou a ser adoptado um método novo, esgrima de assalto por excelência, em que tomam especial interêsse as estocadas avançando e os exercí-cios de ligação da bala à baioneta, e em que o instruendo,

nas pistas de manequins, se educa na noção do alcance, na direcção, nas dificuldades da penetração e da extracção, pelos paus com anel se treina na rapidez e na direcção, pelos paus de parada se treina na parada segura seguida de resposta, no batimento e na contra-resposta, e pelas práticas rápidas faz uma aplicação pronta e prática de todos os seus meios de ataque de defesa.

E tudo isto se faz com o emprego de 3 únicas guardas sucessivas e naturaes, quasi sem movimentos á voz, com um material simples e sendo toda a prática orientada de modo que as regras habituais do ataque e da defesa sejam utilizadas duma maneira instintiva, consoante o caso pratico que se apresenta. E cortando um treno a que os exercicios descongestionantes e respiratórios dão o necessário equilibrio, os jogos desportivos que fazem o descanso do espirito por um treno ainda activo e moralizador.

A rapidez é cultivada tendo em vista conseguir formar em cada homem o máximo da aptidão de que é susceptível e a constante prática individual permite obter, em pouco tempo, um aproveitamento considerável. Além de que não pode nunca o instruendo, desde a primeira lição deixar de prestar uma atenção constante aos exercicios que executa. Raramente é pelo ouvido que recebe as indicações que lhe comandam a actividade.

É pelos olhos que as recebe quasi sempre, e assim, essa perfeita correlação entre o cérebro e a acção que forma a decisão, é cultivada até ao seu mais alto grau.

A esgrima de assalto francesa não é perfeitamente idêntica à inglesa, embora ambas atendam os mesmos princípios, sob a mesma forma apresentados e compreendidos. As suas diferenças são essencialmente diferentes de detalhe que não atingem a prática geral em si. O mesmo carácter desportivo anima a instrução, combatendo a monotonia, as mesmas cargas em pistas de manequins, e os mesmos concursos de aneis e de bala e baioneta completam o treno.

Para nos mostrar em toda a sua clareza os princípios do moderno treno de baioneta, traduzimos as "*Règles générales*" do "*Entrainement au combat á la baïonnette et corps à corps*":

1.º — A luta á baioneta e o corpo a corpo interessam a todos os combatentes. Todos devem estar aptos a utilizar este

meio de ataque e defesa de modo a nunca poderem ser surpreendidos por um combate em que é facil dominar o adversário pela decisão, pela destreza, por um bom conhecimento dos ataques mais eficazes, pela energia e rapidez da execução. A luta à baioneta é a ultima parte do combate próximo, combate que é precedido, até ao ultimo momento pelo tiro.

2.º—No combate á baioneta, dois casos se apresentam:

Ou o adversário, surpreendido, não está na guarda, ou está na guarda perfeitamente senhor de si, avançando ou esperando.

No primeiro caso, o essencial é aproveitar a surpresa para atacar, com rapidez e vigor, por um golpe directo (da baioneta, do pé ou do punho). É preciso saber que ponto se deve atingir, e não esquecer que por detrás dêsse adversário outros podem surgir, o que exige que se fique imediatamente pronto a agir de novo.

No segundo caso (adversário em guarda), a primeira idea é utilizar a granada ou a bala; não se pode porém fazê-lo se os combatentes estão misturados, se não há munições, etc. Usar-se-há então a baioneta, mas será perigoso usar uma estocada directa, pois que assim se chegaria, no caso mais favorável, ao *coup-double*. É preciso saber pôr fóra do combate o adversário sem se ser atingido também.

Nêste caso convirá ainda avançar, mas em guarda, quanto possível em flexão, senhor de todos os seus meios do ataque e defesa, sabendo o que se quer e que golpe se vai empregar.

3.º—O conjunto dos dois casos citados exige:

a) A rapidez da violencia do ataque, a energia levada ao paroxismo, uma grande flexibilidade muscular, a vontade de matar o adversário o mais rápidamente possível.

b) O conhecimento das partes do corpo que se devem ferir.

c) A prática quási maquinal e brutal das estocadas mais eficazes seguidas de extracções enérgicas e rápidas.

d) A resistênciã e o folego, isto é, o treno. A baioneta adversa deve ser considerada como um obstáculo que é preciso afastar a todo o transe.

4.º—A presença duma baioneta adversa a alguns metros deve provocar imediatamente do soldado uma tensão muscular e nervosa completa, com a vontade de atingir o adversário por um ataque directo, ou de afastar instantaneamente a baioneta oposta, ferindo violentamente quem ela cobre, dobrando e redobrando, sendo necessário, ficando imediatamente pronto a recommençar a luta contra outra baioneta. Esta tensão é muito fatigante; é necessário pois, nela nos treinarmos, devendo este treno ser curto (30 minutos) mas frequente. No treno devem executar-se exercícios que tornem essa tensão completa, curta, brutal e irresistível.

Os mesmos princípios que acabamos de apresentar se acham expressos dum modo mais dogmático e conciso, no *Bayonet training* do exército inglês, *Section I, Special features of the bayonet, e Section IV, Tactical application of the bayonet*. Só nos detalhes do ensino há diferenças que não atingem a essência da doutrina.

Vamos notar as principaes dessas diferenças:

—Fazem os franceses durante o treno de baioneta exercícios de ginástica com arma que os ingleses substituem por ginástica sueca, jogos e desportos.

—Fazem os franceses um mais largo emprego da estocada lançada, embora reconheçam que o seu emprego é por vezes perigoso nos ataques de frente.

—Usam os franceses ainda a *poussée* de que falamos no método Gaucher. Os ingleses prescrevem para êste mesmo a *pontuada*, ataque excelente cuja guarda inicial permite parar e responder com a maior facilidade.

—Usam os franceses, nas suas pistas de manequins suspensos, os torniquetes com aneis das pistas de aneis inglesas.

—Não usam os franceses as *quickning practises* práticas rápidas inglesas, que são excelentes como treno de rapidez e de aplicação da seqüência dos ataques e paradas.

—Usam os franceses, —aqui há uma idea a aproveitar— pistas de combate rectangulares de 25 metros de comprimento e de largura variável, divididas transversalmente em 3 zonas por duas linhas que distam dos lados que lhe são paralelos 7,5 metros, distando pois entre si 10 metros. Nestas pistas fazem-se combates individuais em que cada um dos combaten-

tes vai munido de máscara, luvas e espingarda de baioneta reentrante, e, nas eliminatórias, tendo partido de corrida dos lados opostos da pista distanciados 25 metros, transpõem as linhas centrais e batem-se, devendo conseguir uma decisão dentro de 10 segundos. Se algum dos combatentes durante o combate, recua para fóra dos transversais, perde 2 pontos. Quando, decorridos 10 segundos, não tenha sido obtido resultado, ambos os combatentes teem zero.

São atribuídos :

4 pontos por cada toque (estocada, golpe ou coronhada) que atinja a cabeça, pescoço, zona útil do tronco, as coxas ou os joelhos, ou ainda por qualquer ataque em que não intervenha a arma branca, mas que devesse pôr o adversário fóra do combate.

2 pontos, por todo o toque que atinja os braços, as pernas abaixo do joelho, ou donde só pudesse resultar uma ferida superficial na cabeça, pescoço, tronco ou coxas, e ainda por todo o ataque sem arma que ponha o adversário apenas momentâneamente fóra de combate.

1 ponto, por cada golpe superficial nos braços ou pernas abaixo do joelho.

Nos verdadeiros *coup-doubles* marca-se ao melhor ataque a diferença dos pontos dos dois toques dados.

Nos *coup-doubles* com diferença de tempo, o juri dirá se o primeiro toque impedia o segundo. Se impedia, faz-se a classificação não contando com o segundo toque. Se não impedia, faz-se a classificação como nos *coup-doubles* verdadeiros.

As eliminatórias, feitas por grupos de 7 ou 8, seguem-se as meias finais entre os primeiros de cada grupo de *poules*. Os primeiros assim obtidos são admitidos à final que proclamará o vencedor.

Parece-nos útil que êstes concursos sejam adaptados ao nosso treno de instrutores e monitores pelo estímulo que podem constituir, pelo elemento de classificação que fornecem, e ainda por darem ao instrutor o ensejo de, sôbre o terreno do combate, fazer demonstrações interessantes.

Resumindo:

A antiga esgrima, baseada nas normas tradicionais do duelo à espada ou ao sabre, mostrou a sua insuficiência e a

sua desnecessária complexidade perante as necessidades e as condições formidáveis do assalto. Daí a necessidade de um método novo de uma esgrima mais elementar, mais livre e mais ofensiva, que atenda às condições de instantaneidade do combate à baioneta. É o tempo a precipitar o golpe, a exigir um método que faça de cada combatente um matador experimentado e resoluto. A baioneta que se avizinha é o começo de uma luta mas não será o fim dela. Atrás dessa, dos flancos dessa, outras se aprestarão já vermelhas de sangue, prontas a rodear o atacante dum círculo ameaçador. Cada instante é então uma fouce que vai sugando tumultuariamente as vidas. Ferir num relâmpago, ou parar e ferir, mas, sempre de um modo fulminante e seguro, é a vitória individual, é a vitória da linha de baionetas de que se faz parte.

E o combate havemos de aceitá-lo onde êle se nos deparar, terrenos pedregosos, lamacentos, lavrados, escorregadios pela neve, pela lama ou pelas relvas, irregulares e de variados declives, no pleno sol, nas penumbras ou na escuridão, sob os gases, apertados num ramo de trincheira, nos abrigos em que se avança quasi de rastos, sobre um parapeito, nas fundas crateras, no terreno difficil dos bosques ou patinhando o lodo das ribeiras e dos drenos. Como estamos longe das condições habituais do assalto num terreno cómodo onde uma única baioneta à nossa frente, como nós rompe, recúa, finta, dá lesto passos à frente, dá equilibradamente saltos à retaguarda, mostra com graça e arte toques subtis que não penetram, numa exhibição demorada, atlética e correcta! Seria mais belo o combate, se pudesse ser assim. Mas não é. A guerra o provou. Dizem-no esgrimistas notáveis como André Gaucher e Hebrard de Villeneuve, dizem-no os métodos regulamentares dos grandes exércitos que viram e sentiram todos os aspectos da dura campanha que acaba de passar.

A baioneta é para êles a grande, a maior valorização do seu soldado.

Leia-se *Le Combat à la baïonnette* do comité francês de que falámos, e aí veremos com que vibração sentidamente patriótica se proclama a necessidade de dar ao soldado francês o culto da arma branca. Apela-se para a velha "*furia francesa*." Apela-se para Waterloo e Austerlitz, para a brilhante história, plena de scintilações formosas de baionetas, do Con-

sulado e do Império. Apela-se para as tradições remotas da velha Gália, para o Ideal e para a Beleza. Dizia M. Charles Humbert no *Journal*. «*Atrás dêste exército da Sciência, não vêdes surgir o velho Heroe? O granadeiro repete um dos mais belos gestos olímpicos. Êsse soldado que parte à carga corre como o soldado de Marathona. E quando cruza a sua baioneta pensamos nos guerreiros da Iliada, inclinando a sua lança.*» É a alma francesa dourando com o seu ouro os gestos rudes da guerra. Não basta compreender e amar uma verdade é preciso erguê-la até que todos os olhos a vejam e vendo-a a amem também. É uma simples necessidade. As munições faltam, as metralhadoras avariam-se, as batarias gastam-se e são aniquiladas, mas a baioneta, manejada por mãos que a saibam aproximar do coração do inimigo, vencerá sempre onde a ela recorrer uma tropa resoluta que a ame, e se tempere na rigeza dela.

Á arma branca, ao corpo a corpo resoluta e audaz, devemos as maiores vitórias da nossa raça desde Viriato. Não será em vão que hoje apelaremos para ela. E *Rosalie*, a madrinha de combate dos *poilus* da França, não será madrastra nas nossas mãos. A arma branca tem desusadas fulgurações de morte nas mãos ágeis e nervosas dos latinos.

Crer na baioneta e educar na baioneta é preparar uma tropa para todas as eventualidades da guerra, é criar um elemento valiosíssimo da vitória.

(Introdução do *Manual de Baioneta e Granadas no urelo*).

GUILHERME OOM.  
Capitão

LEONEL VIEIRA.  
Capitão



# Pacifismo

(Continuado da pag. 521)

## **A guerra nunca deixará de ser uma possibilidade**

Trabalham aparatosa filigrana os sonhadores, estampando nos jornais que «A constituição desta sociedade (Liga das Nações) será a mais bela e grandiosa conquista do genio e da justiça humana. Criar-se-há a impossibilidade de uma nova guerra, porque os povos associados esperarão de um tribunal supremo,—de que Haia é uma pálida sombra,—o *desideratum* para os seus conflitos. Terminará a era em que os povos resolvem pela fôrça dos musculos, questões de justiça em que a fôrça não deve ter interferência, mas apenas os mais lidimos ditames de justiça»<sup>1</sup>. Mas a estas inspirações de pouco profundo pensar, frutos espontaneos dum idealismo de diletantes, opõe a reflexão madura de categorias como o primeiro ministro da Australia, Hughes, que tão importante papel assumiu na politica britanica durante a guerra, declarações desta ordem, expressas em Londres num grande banquete: «Se nós (a Australia) formos atacados, para quem devemos apelar? Para a Liga das Nações ou para o Imperio Britanico? Desde que não haja um sistema imperial de defesa, desde que cada parcela do Imperio não esteja certa de que entre ela e o perigo está a Armada Britanica, este Imperio não passará de um sonho. A Armada Britanica sob a Liga das Nações deixa de ser uma armada britanica sob a fiscalização (the control) da Gran-Bretanha. Quando a Inglaterra nos chamou, os Dominios vieram sem hesitação e sem delongas. Se nós amanhã lhe pedirmos auxilio, a Inglaterra virá em nosso socorro. Mas se chamarmos pela Liga das Nações, virá

---

<sup>1</sup> O *Tratado de Paz e a Emancipação dos Povos*, artigo do «Seculo» de 14-7-919.



ela? Francamente, *eu creio que não virão senão aqueles a quem a raça, ou o sangue, ou os interesses comuns imperativamente moverem. Se esta Liga das Nações significa que a disposição da Armada Britânica passa das firmes mãos do povo britânico para outras, então estamos no principio do fim*»<sup>1</sup>.

É esta a confiança confessada sobre a Liga das Nações por homens eminentes com o sr. Hughes, e a confiança que inspira aos próprios franceses, demonstram-na as suas convenções de agora com os Estados Unidos da America e a Inglaterra; à França não bastou a garantia da Liga; para ficar certa do apoio daqueles dois países contra um ataque alemão, como disse o sr. Lloyd George, foi firmando com eles tratados especiais.

É que apesar de todas as boas teorias, «As relações entre os povos continuam sendo hoje em dia o que foram sempre desde que o mundo é mundo, desde que os interesses se encontram em presença ou mesmo quando um país experimenta o desejo de se engrandecer. O direito e a justiça nunca desempenharam qualquer função nas relações entre nações dispondo de forças desiguais. Vencedor ou vencido, presa de caça ou caçador, assim tem sido sempre a lei. Estas são as verdades que é perigoso ocultar. Ter-se-ia prestado um grande serviço aos espanhóis se antes da conquista de Cuba pelos Estados Unidos, lhes inculcassem solidamente esta noção: tão depressa eles estivessem suficientemente enfraquecidos pelas suas discussões intestinas e logo os vizinhos poderosos aproveitariam o primeiro pretexto à mão para se apoderarem da sua grande colonia. Então talvez tivessem compreendido a utilidade de derrubar menos ministerios, de pronunciar menos discursos e de organizar a sua defesa de modo que fizessem com que os estrangeiros perdessem a idea de os atacar»<sup>2</sup>.

A Historia ha de repetir-se. A diplomacia ha-de ser sempre o que tem sido. Funcionarios que nos seu escritos alardeiam grandes escupulos, abandonam-os inteiramente nos processos que põem em prática e curvam-se sempre perante a autoridade do mais forte.

<sup>1</sup> Artigo *Politica Internacional*, cit., do *Diario de Noticias* de 23-7-919.

<sup>2</sup> Gustavo Le Bon — *Psychologie du Socialisme*, 7.<sup>a</sup> ed.

Lembremo-nos do que ocorreu ainda não há muito, no decurso da segunda guerra balcanica: logo que perceberam que a vitoria pertenceria aos bulgaros, os representantes das grandes potencias renunciaram a reclamar para a Turquia o «statu quo», que tão altivamente haviam proclamado antes de se romperem as hostilidades.

Não esqueçamos tambem, nós portugueses, factos que muito de perto nos interessam, como os tratados anglos-alemaes de 1898 e 1913, relativos à partilha da influênciã nos nossos dominios da Africa pelos dois pactuantes, tratados que importavam para Portugal um perigo gravissimo, que mais tarde ou mais cedo sentiriamos de facto, apesar dos nossos tratados com a Inglaterra nos darem esta aliada como garante do nosso Imperio Colonial. Felizmente a guerra de agora afastou esse perigo, mas a dureza da lição ficou, não bastando para a amenizar a circumstancia dos pontos fracos do poderio da Gran-Bretanha perante um poder militar como então o da Alemanha, e que a proposito são apontados pelo illustre escritor militar que é o sr. general Moraes Sarmiento no seu admirável livro *A Expansão Alemã*.

É sempre o predominio do mais forte! Sempre o cinismo e a má fé a dominar nas relações dos diferentes povos. Sempre os tratados mais legitimos e formais, a serem violados sem escrupulo quando se julga poder-se faze-lo impunemente. A Austria não trepidou em violar o tratado de Berlim, anexoando a Bosnia, uma vez que entendeu poder levar a efeito, sem más consequências, essa conquista, graças ao apoio da Alemanha. O mesmo impodor teve o imperio alemão não recuando ante a violação da Belgica cuja neutralidade se tinha comprometido a respeitar e proteger.

O procedimento dos estados poderosos para com os fracos, quando se julgam acoberto dos riscos da guerra, ressalta bem claro do famoso congresso de Berlim, em 1878. As grandes potencias, que nada temiam, só tratam de obter territorios para elas ou para os seus clientes. Nenhum assomo de justiça presidiu às resoluções. A Romenia teve disso uma prova dura e compreendeu quais os perigos que resultam da associação da panela de ferro com a de barro. Apesar de aliada com a Russia, à qual os seus exercitos lealmente haviam evitado uma derrota durante a guerra contra os turcos, viu contudo que

esta grande vizinha lhe tomava sem a menor repugnancia a Bessarabia, em troca só duns paitanos sem valor. A Austria, unicamente pelo direito de ser forte obteve, contrariamente ao pretenso principio das nacionalidades, o protectorado da Bosnia e da Herzegovina, apesar destas duas provincias serem povoadas por servios que desejavam a incorporação na Servia.

Assim, escreve Gustavo Le Bon que «As unicas associações que os povos poderão formar entre si com probabilidades de serem respeitadas, são as associações de interesse, que apenas teem uma duração equivalente aos interesses em jogo. As alianças entre nações com forças desiguais representam contratos unilaterais e não sinalagmáticos.

«A primeira guerra balcanica demonstrou ainda mais uma vez no que dão as alianças, quando deixam de existir os interesses que as ditaram. Apenas a luta terminou, servios, gregos e bulgaros trataram logo de rasgar os tratados, que haviam firmado e a Europa nem sequer pôde estorvar que eles se trucidassem mutuamente.

«Os principios que regem as relações entre os povos podem arrogar-se de provecissima antiguidade. Foram formulados há 24 seculos, por Tucidides e em termos por tal forma applicáveis à idade moderna que podem citar-se sem lhes fazer qualquer alteração:

*«Colocais acima de tudo os principios de justiça que nunca desviaram ninguem de engrandecer-se pela força, quando se lhe depara a ocasião. . . Está na natureza do homem oprimir sempre o que lhe cede e pôr-se de prevenção contra o que lhe resiste<sup>1</sup>.*

### **A idea de Pátria e os pacifistas**

A história existe repleta de argumentos irrefutáveis de que a idea de Pátria constitui, através de todos os tempos, a base fundamental da prosperidade e grandeza dos povos da Europa; apesar disso tem sido e está sendo abertamente combatida pelos vários sistemas que se dizem de ideas avançadas:

<sup>1</sup> *Premières conséquences de la guerre.*

intervencionalismo, anarquismo, niilismo, socialismo, bolxevismo, etc.

E' porém verdade que o anti-patriotismo ou hostilidade à idea de Pátria não é uma idéa nova nem tão pouco avançada, como pretendem os adeptos daqueles sistemas.

Jesus, S. Paulo e os seus proselitos, propozeram-se, sob a aparência de humanitarismo e mansidão, a destruir a civilização e sociedade pagãs, em especial o Império Romano, que então dominava pelo mundo. Com este intuito atacaram com arte e dissimulação a idea de Pátria e o espírito militar, esteios da grandeza dos romanos e dos demais povos europeus.

E' incontestável que a civilização grego-latina assentou essencialmente no culto da vida, da força, da beleza, do patriotismo, das virtudes cívicas. O Cristianismo substituíu o amor à vida terrena pela renuncia aos prazeres e pelo sofrimento purificador; a corágem e a força pela mansidão e resignação; a cultura intelectual e espírito scientifico pela simplicidade e pobreza de espírito; o patriotismo e as virtudes cívicas, pelo desprezo completo das cousas da terra.

Para o verdadeiro cristão não existiam fronteiras; a sua pátria não era neste mundo, que não passava a seus olhos dum efémero e desprezível vale de lágrimas, e sim num outro mundo sobrenatural — no *reino de Deus*.

As religiões dos antigos povos da Europa eram essencialmente patrióticas e guerreiras; o cristianismo era uma religião internacionalista ou cosmopolíta e profundamente anti-militarista.

As acusações em que os antigos escritores pagãos — Celso, Rutilius, Tacito, Suetonio, Juliano e outros — mais insistem contra os cristãos tem por fundo a falta de patriotismo destes, a sua indiferença cívica e a sua tenaz resistênciã ao cumprimento dos deveres militares.

Lendo as perseguições de que os cristãos foram vítimas, vê-se que a sua grande parte, principalmente as de Trajãno, Marco Aurelio, Severo e Diocleciano, tiveram esses factos por motivo, que não foram movidas por intolerância religiosa, mal de que os romanos nunca foram achacados.

O internacionalismo é então uma doutrina bem antiga; a sua paternidade não pertence aos pacifistas modernos, an-

tes pertencerá aos antigos cristãos <sup>(1)</sup>. E não sendo nova, também não é uma doutrina avançada ou progressiva. O catolicismo, e muito especialmente o jesuitismo são eminentemente internacionalistas; para eles também as fronteiras não existem.

Mais ainda: internacionalista e sem Pátria é a oligarquia capitalista que domina financeiramente os diferentes Estados.

Se pois o internacionalismo é próprio da estrutura do catolicismo, do jesuitismo e do capitalismo cosmopolita, é porque sem dúvida ele não constitue uma doutrina avançada ou progressiva.

Tal concordância sobre um ponto tão fundamental dos representantes ultra-conservadores com os dos ultra-avançados, é um facto digno de reparo, a que se não deu ainda explicações, mas que prova que esses extremos não se encontram na realidade tão distanciados como ordinariamente se julga.

O internacionalismo cristão e dos jesuitas difere do moderno internacionalismo no facto de que o primeiro pretendia substituir a idea de Pátria pela de seita, enquanto que o segundo tenta substituí-la pela de classe; um conduz à luta intolerante de relegião, o outro à luta intransigente de classes e no fundo ambos excluem a idéa de Pátria e em ambos se dá o caso de terem sido fundados por judeus—Jesus e S. Paulo na antiguidade e Karl Marx modernamente.

A teoria da luta de classes que já exposemos, e em virtude da qual um português deve considerar-se irmão dum alemão ou dum tartaro logo que sejam da mesma classe, e considerar-se adversário dum seu concidadão ou dum seu parente uma vez que sejam de classes diferentes, tem passado como um dogma socialista; no entanto é contrária absolutamente ao espírito do verdadeiro socialismo, porque este não

---

(1) O budismo fez também do pacifismo e anti-militarismo a principal base da sua doutrina. O budismo não só proíbe derramar sangue humano, mas ainda o de qualquer vivente; para ele o ideal existe na indiferença ante as paixões e cousas terrenas; na quietude absoluta, no *nirvana*. A este exagerado pacifismo dos budistas se atribue, bem como à organização das castas, a sujeição da India ao domínio estrangeiro.

Os budistas é que, na verdade, foram os iniciadores do pacifismo.

pode basear-se na luta de classes, uma vez que o seu fim principal é destruir os privilégios e distinções de classes.

Mas vimos já que a guerra demonstrou a inanidade do internacionalismo baseado na luta de classes. No remanso da paz a concepção da Pátria afigura-se uma cousa demasiado vaga e cuja utilidade se não afirma bem nitidamente. A guerra desembaraçou-a das nuvens que a envolviam e deu-lhe contornos duma realidade muito tangível. Todo o cidadão compreendeu de repente que a Pátria é ele próprio. Perante tal evidência a inanidade das teorías ôcas dos pacifistas revelou-se aos próprios seus autores.

A transformação deu-se com G. Hervé e outros que até então mais combatiam a idea da Pátria.

De resto o que pode a humanidade ganhar com a substituição do sentimento de Pátria pelo espírito de classe, que positivamente é uma das formas mais mesquinhas e anacrónicas da solidariedade humana?

Pobre humanidade se tal substituição se realizasse! E' mesmo lamentável que se haja aplicado ás associações profissionais ou botânicas a designação descabida de "associações de classe", inaceitável numa epoca em que a civilização e as constituições democráticas destruíram as anacrónicas distinções de classes e castas que o passado nos legou, e procuram inspirar-se cada vez mais nos princípios da igualdade e solidariedade social.

O espírito de classe é condenável porque não passa da acumulação de muitos egoismos, provoca rivalidades e disputas intermináveis, e, a prevalecer, conduziria, com o tempo, à formação de castas profissionais, como sucedeu na India, no Egipto e noutros países. E' precisamente por esta razão que os reaccionários abrem com entusiasmo os braços ao regimen dos sindicatos ou corporações profissionais.

*Continúa.*

MELLO E ATHAYDE

Ten. coronel

# CRÓNICA MILITAR

## Brasil

**Efectivo do exercito para 1920.** — O efectivo do exercito brasileiro para 1920 foi fixado em 37.687 homens, assim distribuidos:

Infantaria.....	21.388.....	56,7 %
Cavalaria.....	6.262.....	16,6 %
Artelharía.....	7.209.....	19,1 %
Engenharia.....	2.018.....	5,3 %
Serviços.....	810.....	2,3 %
Total	37.687	

\*

\* \*

**Reorganização do exercito.** — Por decreto de 11 de dezembro do ano findo foi feita uma nova *divisão territorial* e reorganizado o exercito do Brasil, sendo criadas novas unidades e serviços.

A Republica fica dividida em 7 *regiões militares* e 2 circunscrições.

As 7 regiões, por sua ordem numerica, teem respectivamente como sédes: a capital federal, S. Paulo, Porto Alegre, Juiz de Fôra, S. Salvador da Bahia, Recife (Pernambuco) e Belem (Pará). As circunscrições teem como séde Campo Grande e Curytyba.

— O exercito compreende 5 divisões e um *destacamento mixto* (Mato Grosso).

A *divisão do exercito* ficou tendo a seguinte composição:

a) Comando: } Comandante  
 } Serviço de Estado Maior

b) Serviços (de engenharia e comunicações, de intendencia, de material de guerra, de saude e veterinaria, de justiça e de ordens).

c) *Tropa*:

- 1) — 2 brigadas de infantaria
- 2) — 1 brigada de artelharía de campanha
- 3) — 1 regimento de cavalaria
- 4) — 1 grupo de artelharía de montanha
- 5) — 1 batalhão de engenharia (2 companhias de sapadores, uma de telegrafistas e 1 de pontoneiros)
- 6) — 1 corpo de trem
- 7) — 1 companhia sanitaria

A *brigada de infantaria* é constituída por um E. M., 2 regimentos de infantaria ou 1 regimento de infantaria e 3 batalhões de caçadores, e 2 companhias de metralhadoras.

A *brigada de artilharia* compreende: E. M., 2 regimentos de artilharia montada e um grupo de obuses.

— A *artilharia de costa* passa a ter 5 grupos (2 a 3 baterias e 3 a 2 baterias) e 12 baterias independentes.

— O *destacamento mixto* de Mato Grosso é constituído por:

3 batalhões de caçadores, 2 companhias de metralhadoras, 2 regimentos de cavalaria, 1 regimento de artilharia montada, 1 grupo de artilharia de costa e 1 batalhão de engenharia.

— As 7 regiões e as 2 circunscrições militares compreendem 21 *circunscrições de recrutamento*.

— Esta organização trouxe a criação de: 3 batalhões de caçadores, 12 companhias de metralhadoras, 1 regimento de cavalaria, 1 regimento de artilharia montada, 3 grupos de artilharia de montanha, 1 batalhão de engenharia, 1 companhia aeronautica e 8 depositos de remonta.

## Estados Unidos

**Oficiaes estrangeiros em varias escolas dos serviços do exercito.** — Tendo o governo dos Estados Unidos convidado os varios governos das republicas latino-americanas a enviar officiaes a frequentar os cursos, que comecam em setembro, nas varias escolas dos serviços do exercito, aceitaram o convite nove dessas republicas. Assim, o Mexico enviou 4 officiaes; o Perú, 9; o Chile, 7; a Bolivia, 3; Columbia, 7; Venzuela, 5; Equador, 4; Nicaragua, 15; Guatemala, 3.

Estes 57 officiaes foram assim distribuidos: 8 para a escola do corpo de sinaleiros no campo de Vail; 8 para a escola de artilharia de Costa no forte Monroe; 8 para a escola de artilharia de campanha no forte de Sill; 5 para a escola de medicina do exercito em Washington; 28 para as escolas dos serviços aereos.

## França

**Redução dos limites de idade.** — Por decreto de 10 de julho p. p. foram reduzidos os limites de idade dos coroneis, generaes de brigada e de divisão, passando respectivamente de 60, 62 e 65 para 59, 60 e 62. De facto estes ultimos limites já tinham sido applicados durante a guerra em virtude de um decreto, mas só para o periodo da guerra; e agora o novo decreto mantem estes limites mesmo em tempo de paz.

E' feita porem uma excepção aos divisionarios que tenham comandado em campanha um exercito ou uma unidade superior e manifestem ainda vigor fisico, os quaes poderão ser mantidos até aos 65 anos no serviço activo. O actual decreto tem ainda por fim desembaraçar os quadros de officiaes superiores de um grande excesso existente, especialmente a partir de tenente-coronel, para assim facilitar as promoções nos grãos inferiores, pois de contrario, as promoções seriam lentas, e isto levaria muitos capitães e subalternos a aban-



donarem o serviço e mesmo reduziria a proporções exiguas os concorrentes ás escolas militares. O ministro da guerra declarou em pleno Senado que se torna cada vez mais necessario chamar ás escolas militares a elite intellectual e social da nação, pois o exercito precisa estar forte e vigoroso.

\*  
\*      \*

**Organização da educação física nacional e da preparação para o serviço militar.** — Um projecto de lei acaba de ser apresentado ao parlamento, que é uma modificação dum projecto de 1917, tendo por fim assegurar a educação física da juventude franceza e da preparação militar. A primeira, tendo em vista um fim individual, que é a saude do corpo, é applicada não só aos rapazes, mas tambem ás meninas. A segunda tem um fim colectivo e social, comportando elementos materiais e moraes, como são os sentimentos do dever, da honra, do patriotismo e o espirito de sacrificio.

A parte do projecto consagrado á educação física enumera as diversas instituições do pais encarregadas de dar essa educação, e que são todas as escolas publicas ou particulares de ensino primario e secundario, assim como as diversas sociedades (sociedades de ginastica, sociedades desportivas, Club alpino, etc.), sendo este ensino fiscalizado pelas autoridades competentes.

Para este fim cada mancebo possui uma caderneta de educação física que terá de apresentar quando for chamada a sua classe ao serviço militar, devendo fazer então um exame de aptidão física. Os mancebos que não satisfazam ás provas desse exame são encorporados dois meses antes dos da sua classe.

A instrução militar preparatória compreenderá 3 gráus: instrução do soldado, instrução do sargento e instrução do official de complemento.

— A ultima parte do projecto trata da preparação dos professores que se destinam á educação física e á preparação militar, sendo para isso transformada a escola de ginastica e esgrima de Joinville-le-Pont numa escola superior de ensino.

— A instrução física deverá contribuir não só para se obter individuos mais resistentes e melhor conformados, mas ainda mulheres mais proprias para a maternidade, o que permitirá melhorar a raça e aumentar a população.

A instrução militar preparatoria facilitará a instrução nas fileiras, dando ensejo a que se possa reduzir um pouco a duração do serviço nas mesmas fileiras, mas não tanto como seria para desejar, por isso que a França não poderá tão cedo deixar de ter um forte exercito permanente, pois que tem de ter forças de occupação no Rheno, forças de pacificação no Oriente e de occupação em Marrocos, devendo ainda conservar as tropas necessarias á guarda das colonias, e a defender-se de qualquer golpe de mão na metropole.

— A instrução militar preparatoria estará exclusivamente confiada aos quadros do exercito permanente, e mesmo durante muito tempo a educação física, pois a pratica tem demonstrado que os professores das escolas civis não tem competencia, nem tomam interesse nesse ensino. E' mesmo obedecendo ao principio da divisão do trabalho que assim se deverá proceder. Aos professores das escolas compete desenvolver a intelligencia dos seus alu-

nos, formar-lhes o espirito, o cerebro e o coração; aos quadros do exercito pertence dar o ensino que ao exercito interessa.

— As indicações do general Serrigny, sub-chefe do estado maior do exercito, recentemente enviado á Suissa, deverão ter contribuido para o aperfeiçoamento do projecto apresentado.

\* \* \*

**Observações pessoais sobre as operações na grande guerra.** — O ministro da guerra acaba de enviar uma Circular convidando todos os officiaes que tomaram parte na guerra a redigir as observações pessoais que tiveram occasião de fazer durante as operações, indicando todas as difficuldades encontradas na execução de qualquer operação, os inconvenientes e as soluções adoptadas; o valor comparativo dos diversos modos de combater; o melhor emprego dos diversos materiaes e oportunidade do seu emprego; circumstancias e condições que influiram sobre o moral das tropas; organização das unidades, effectivos uteis para um bom comando, condições de enquadramento e material de dotação; tipos de material sucessivamente usados, seu emprego, vantagens e inconvenientes; armamento e munições; metodos de ataque e defesa da infantaria, emprego tatico das diversas armas e sua cooperação mutua; reabastecimento de viveres, munições e material, e observações sobre a alimentação dos homens e solípedes.

Todos estes trabalhos serão apresentados em forma de *Memorias*, que serão entregues, em cada regimento, a uma comissão para esse fim nomeada; nas escolas e centros de instrução, a comissões especiaes; nos estados maiores, aos chefes dos mesmos.

\* \* \*

**Como foram utilizadas as estradas ordinarias durante a guerra.** — A vitoria dos aliados foi, em grande parte devida, á rapidez com que afluíram ao campo de batalha os reforços em homens e em material e as munições.

Para que nada faltasse, tornava-se preciso manter nas estradas uma intensa circulação de viaturas de toda a especie, hipomoveis e automoveis, transportando muitas vezes pesadas cargas. Compreende-se que, se as estradas não permitissem uma rapida e intensa circulação de viaturas, muitas das operações teriam fracassado. O comando frances ligou portanto a maior importancia ao desenvolvimento de uma intensa rede de estradas e á sua conservação. Para o serviço das estradas ordinarias havia um chefe superior junto do comando em chefe, tendo á sua disposição 28 companhias comandadas por officiaes de engenharia militar auxiliados por engenheiros civis de pontes e calçadas. Ao principio as companhias tinham um effectivo de 5.600 homens, que depois foram reforçados por 33 companhias de engenharia das tropas territoriaes. Ainda foram empregados grande numero de civis. Em fins de 1917 havia nestes serviços 78.000 homens, dos quaes 10.000 eram civis. A abertura de novas estradas, o alargamento de outras e a reparação e conservação de todas, exigiram uma enorme quantidade de material (pedra

britada, cantaria, madeira, cal, etc.), que era transportado dos centros onde se reunia para os locais onde devia ser utilizado por variados meios de transporte: caminho de ferro, auto-camiões, via aquática. Para avaliar a grande quantidade de material empregado, basta notar que foram utilizadas 27 milhões de toneladas de pedra britada, e para obtê-la foi preciso intensificar a laboração das pedreiras existentes e explorar ainda 80 novas pedreiras. Em 1918 havia em serviço 91 secções de trem com 25 carros e 50 cavalos cada uma. Para britar a pedra foram empregadas varias maquinas e na cilindragem empregaram-se compressores a vapor e a benzina. Os leitos das estradas militares tinham 5,5 a 6 metros de largura. A secção transversal das estradas militares deve ser quasi plana, ou ligeiramente convexa; as valetas devem ser profundas.

As calçadas deram melhor resultado que o cascalho.

(R. A. e Genio — junho-920)

### Diversos

**Perdas na grande guerra.** — Continuam a aparecer novas estatísticas relativas ás perdas na recente guerra. Segundo o general Peyton Mörch, chefe do E. M. do exercito dos E. Unidos, as perdas em mortos no campo de batalha ou em consequencia dos ferimentos recebidos foram:

Russia.....	1.700.000	homens	
Alemanha.....	1.600.000	»	4.362.454 segundo o <i>Times</i> do 4.º-919.
França.....	1.305.300	»	ou 1.385.300 segundo o <i>Nationa Digest</i> do 1.º-919.
Austria.....	800.000	»	
Inglaterra.....	706.700	»	
Italia.....	460.000	»	
Turquia.....	250.000	»	
Belgica.....	102.000	»	
Bulgaria.....	100.000	»	
Romenia.....	100.000	»	
Servia-Montenegro..	100.000	»	
E. Unidos.....	50.000	»	240.197 segundo o <i>Armysana Navy Journal</i> de março de 1919.
Total.....	7.274.000	»	

**Motocicletas na grande guerra.** — Na ocasião em que teve logar a primeira batalha do Marne os exercitos dos imperios centraes dispunham de umas 18.000 motocicletas. Na primavera de 1915 os ingleses empregavam nos diferentes serviços do seu exercito 40.000 motos, os franceses mais de 11.000 e os italianos umas 10.000. Desde o começo da guerra, excluindo as forças norte-americanas, os diversos exercitos beligerantes empregaram para cima de 750.000 motocicletas.

V. C.

# CRÓNICA MARÍTIMA

## Portugal

**Os novos sloops.**— Os navios ultimamente adquiridos em Inglaterra passarão a denominar-se «Republica» e «Carvalho Araujo». Ao que se diz, estes *sloops* são esperados brevemente no Tejo.

## Alemanha

**A disciplina da nova marinha** <sup>1</sup>.— O numero de Julho da *Revue Maritime*, ultimamente chegado a Lisboa, fornece mais algumas informações sobre as consequências que o golpe de estado de von Kapp produziu na marinha alemã e as medidas adoptadas pelo governo para restaurar, tanto quanto possível, a disciplina naquele organismo. Entre estas a mais notável é a criação de uma *Camara provisória de marinha*, semelhante a outra que foi instituída para o exército, as quais se destinam a exprimir ao governo as aspirações dos corpos militares e a colaborar na elaboração dos projectos de lei que lhes digam respeito.

As *camaras provisórias* são constituídas por oficiais das diversas classes, funcionários do ministério, sargentos e praças, e espera-se que por esta forma desapareçam de vez as diversas *associações e uniões*, que tanto abalo produziram na disciplina dos novos organismos militares alemães; é, porém, muito duvidoso que por este metodo se consiga restabelecer a verdadeira disciplina, conforme faz notar a propria imprensa germanica, que considera o decreto do Presidente do Imperio, que criou as camaras, como a menos má de várias medidas pessimas, que no estado actual da vida interna da nação, poderiam ser adoptadas.

## Estados-Unidos da America

**Relatório sobre a instrução dos oficiais de marinha.**— Uma comissão nomeada pelo *Bureau of navigation* para estudar as reformas a introduzir no plano da instrução dos oficiais de marinha americana, acaba de apresentar sobre o assunto um notavel relatório, que os *U. S. N. I. Proceedings*, de Agosto do corrente ano, publicaram e para o qual chamamos a atenção de

<sup>1</sup> Ver o n.º 7 da «Revista Militar», do corrente ano, pag. 427.

quantos se interessam pelas questões da instrução militar. Não podendo transcrever integralmente tão interessante documento, limitar-nos-hemos a pôr em relevo alguns dos seus tópicos principais. A idéa fundamental que inspirou a reforma proposta pela comissão, consiste em fornecer previamente aos oficiais a instrução de que carecem para desempenharem satisfatoriamente as funções do grau superior que serão chamados a ocupar. Para este efeito, a carreira normal dos oficiais de marinha é dividida em 4 graus diferentes:

I Guarda-marinha 2.º tenente 1.º tenente	}	Subordinados inferiores, oficiais subalternos.
II 1.º tenente Capitão tenente Capitão de fragata		
III Capitães tenentes Capitães de fragata Capitães de mar e guerra	}	Comandantes de navios.
IV Contra-almirantes Vice-almirantes Almirantes		

A instrução para o acesso a estes diversos grupos é ministrada, previamente, nas seguintes escolas:

- I *Naval Academy* (4 anos).
- II *General line course* (1 ano).
- III *Junior war college course* (1 ano).
- IV *Senior war college course* (1 ano).

A instrução dos oficiais completa-se com o estudo e pratica das especialidades, porque, como prevê o relatório, todos os oficiais devem adquirir pelo menos uma especialização. («All naval officers should be experts in certain fundamental branches of the profession. Each officer should be a specialist in at least one specific branch of the profession»).

No *general line course* faz-se o desenvolvimento e recapitulação das matérias estudadas na *Naval Academy* e são versados os primeiros elementos da arte militar. Propõe a Comissão que os oficiais provenientes das últimas classes, que fizeram cursos reduzidos por causa da guerra, vão frequentar já esta escola, para poderem preencher as lacunas da sua instrução profissional.

O *Junior war college* é a escola preparatoria para o comando de navios e destina-se a doutrinar os oficiais que comandando unidades isoladas, ou mesmo pequenos navios, cuja acção, como diz o relatório, pode ser decisiva em muitos casos, convem que sejam orientados no mesmo sentido, sofrendo uma preparação comum.

Finalmente o *Senior war college* continua sendo, como tem sido até agora, a escola do alto comando.

As especialidades são professadas depois da frequencia do *General line course*, e as respectivas escolas devem ficar dependentes, segundo o parecer da comissão, da *School of the line*.

Num esquema final são consideradas as situações dos officiaes, de forma a harmonizar as necessidades do serviço com as da instrução e a permitir que a prática no mar seja o complemento da instrução obtida nas escolas.

O cuidado com que foi estudado este problema é mais uma prova do empenho com que os Estados Unidos se preparam para alcançar o primeiro posto entre as potencias navais.

## Espanha

**Novo programa de construções navais.**—Segundo noticia o *Moniteur de la Flotte*, de 7 de Agosto, o novo programa espanhol de construções navais, que será iniciado logo que esteja concluido o actual, compreende :

3 couraçados, de 20 a 25.000 toneladas; cruzadores ligeiros; cruzadores auxiliares; 100 destroyers, de 800 a 1.000 toneladas ; 7 condutores de flotilha, de 2.000 toneladas; 50 submarinos de mais de 600 toneladas, sendo alguns lança-minas; hidroaviões.

Foi prevista tambem a reorganização dos pontos de apoio.

Quando este programa estiver concluido, se é exacta a noticia, a Espanha ascenderá a um dos primeiros lugares, senão ao primeiro, entre as potencias navais de 2.<sup>a</sup> ordem.

Como acontece a quasi tudo quanto diz respeito ao país vizinho e que excede a esfera da politica partidária e das crises ministeriaes, tambem a proposito deste facto não encontramos a mais ligeira referencia na imprensa diária da capital.

M. O.



# BIBLIOGRAFIA

---

## PERIODICOS

### Portugal

- 1 *O Instituto*, n.º 8 de Agosto de 1920. Complementos algebricos dos determinantes menores.

### Brasil

- 1 *O Tiro de Guerra*, n.ºs 7 e 8 de Julho e Agosto de 1920. Tenente-coronel Pedro M. Trompowsloy Taulois. O Brasil victorioso no tiro, nos jogos olympicos de Antuerpi.

### Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 378 de Julho e Agosto de 1920. Sintesis de la guerra submarina — Caracteristicas de la guerra submarina alemana.

### Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejército de Colombia*, n.º 96 de junho de 1920. Correccion del nivel.

### Espanha

- 1 *Memorial de Artilleria*, n.º de Agosto de 1920. Proyecto de Regleta — Memorandum para uso del oficial auxiliar de una bateria.

### Italia

- 1 *Rivista de Artiglieria e Genio*, n.º de Junho de 1920. Le medaglie d'oro al valor militare alle Bandiere delle Armi di artiglieria e genio.

### Mexico

- 1 *Revista del Ejercito y de la Marina*, n.ºs 1 a 5 de Maio de 1920. Inauguracion de un centro militar en Veracruz.
- 2 *Tohtli*, n.º 1 de Agosto de 1920. A vuelo de pluma.

## Sálvador

- 1 *Boletim del Ministerio da Guerra*, n.ºs 63, 64, 65 e 66 de Marco a Junho de 1920. Ordenes Generales Importantes. Nuevo sub-secretario de Estado en los Despachos de Guerra y Marina. Reglamento para Exámenes de Aptitud para oficiales. Discursos pronunciados en la comida que el Supremo Poder Ejecutivo obsequió a los Jefes y oficiales del Ejercito, el 21 del corriente mês como uua demonstración de simpatia tributada a la Institución Militar patria.

## Uruguay

- 1 *Revista Militar y Naval*, n.º 1 de Julho de 1920. Sobre la Revista. El año militar.

---

# EXPEDIENTE

## CONDIÇÕES DA ASSINATURA

### PAGAMENTO ADEANTADO

#### Portugal e Colonias

	Ano	Semestre	Trimestre
R. M. com O. E. ou B. M. C. ou O. A. ....	2\$80	1\$50	\$85
R. M. com O. E. e B. M. C. )	3\$80	2\$00	1\$10
R. M. com O. E. e O. A. )			
R. M. com B. M. C. e O. A. )			
R. M. com O. E.—B. M. C. e O. A. ....	4\$80	2\$50	1\$35

Numero avulso da *Revista Militar* \$30

#### Estrangeiro

R. M. com O. E. ou uma das outras publicações...	3\$80
Numero avulso da <i>Revista Militar</i> .....	\$40

Para Portugal não se aceitam assinaturas por periodo inferior a trimestre, nem *desistencia de assinaturas* senão no fim de cada trimestre civil, devendo os assinantes *avisar com antecedencia* até 31 de Dezembro ou Março e 30 de Junho ou Setembro.

Para as Colonias não se aceitam assinaturas *por menos de 6 meses*, e para o estrangeiro *por menos de 1 ano*, sob condições identicas ás indicadas para Portugal. A correspondencia registada custa mais \$72 por ano ou \$06 por mes

**Não se aceitam assinaturas que não incluam a *Revista Militar*. A *Ordem do Exercito*, *Ordem da Armada* e *Boletim Militar das Colonias* vendem-se na séde da *Revista* em numeros avulsos ou por colecções anuais, a preços variáveis conforme o numero de paginas.**